

PECADOS INTOCÁVEIS

O DESAPARECIMENTO DO PECADO

Texto base: *“Pois qualquer um que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, torna-se culpado de todos”*. Tg.2.10

É possível que um dos maiores pecados de nossa época seja o esforço consciente de fingir que o pecado não existe, ou, se existe, não é algo tão grave. Parece que a palavra “pecado” e o seu conceito tem gradativamente desaparecido da cultura ocidental. Nas matérias de jornal, nas entrevistas de artistas, nos diálogos dos filmes ou desenhos animados, nas conversas em restaurantes e até nos diálogos de cristãos quando estão fora da igreja, a impressão é que pouco se fala de pecado da forma como a Bíblia ensina. Por que isso ocorre? Será que deixamos de pecar?

C. S. Lewis, no contexto da Inglaterra do século XX, disse que: *“A barreira que mais encontro é a falta quase total de algum senso de pecado em meus ouvintes”*. O teólogo D. A. Carson, em 2011, disse que o aspecto mais frustrante de pregar o evangelho em universidades é o fato de, no geral, os alunos não terem noção de pecado. Sobre isso, ele afirmou que: *“Eles sabem pecar muito bem, mas não conhecem a natureza do pecado”*. Essas afirmações indicam algo muito sério: parece que a noção geral de pecado desapareceu da sociedade.

Esse fenômeno, infelizmente, também atinge algumas igrejas, que, por terem aceito em algum nível o Liberalismo teológico (que nega a inspiração, inerrância e a autoridade das Escrituras), perderam a sua força profética e tem se rendido ao politicamente correto. Uma das consequências disso é o uso de uma linguagem abrandada, não clara e distorcida sobre o que é pecado e suas consequências. As palavras severas que a Bíblia usa para se referir ao pecado, foram banidas do nosso meio: as pessoas não mais adulteram, elas têm um caso. Os executivos não roubam, eles cometem fraude.

As igrejas conservadoras, embora normalmente não caiam no erro citado acima, infelizmente, caem na tentação de redirecionar o pecado somente para os casos mais flagrantes como o aborto, pecados sexuais, assassinato ou os crimes de colarinho branco. Por outro lado, ignora-se a fofoca, orgulho, inveja, ansiedade (Fp.4.6), amargura, e as qualidades amáveis que Paulo chama de fruto do Espírito (Gl.5.22-23). Nos momentos de confissão e intercessão das reuniões de oração, normalmente, os pecados mais lembrados são aqueles mais óbvios. Você já viu alguém orar publicamente assim: *“Senhor, perdoa-me*

porque eu não tenho sido uma pessoa amável e mansa”? Se sim, que bom, mas, infelizmente, orações assim são exceção.

É mais fácil nos preocuparmos com os pecados da sociedade do que com os nossos pecados (não que uma preocupação elimine a outra). Infelizmente, é possível que nos esbaldemos nos pecados *“intocáveis”* ou *“aceitáveis”* sem a noção de que eles são pecados: palavras indelicadas em relação a um irmão em Cristo; guardar mágoas de um passado distante sem nenhum esforço de perdoar como Deus nos perdoou; desdenhar pessoas que caíram em graves pecados sem a devida humildade de reconhecer que, se não fosse a graça de Deus, nós também cairíamos. Por que não lamentamos nosso egoísmo, nosso espírito crítico, nossa impaciência e nossa ira?

Sabemos que a lei de Deus é quebrada no assassinato, mas nos esquecemos que ela também é quebrada quando alguém devasta o próximo no uso pecaminoso das palavras. Não estamos dizendo que não existem pecados que são mais graves do que outros (até porque é menos pior ter raiva de uma pessoa do que matá-la). O ponto que estamos defendendo é que todo pecado é sério, porque todo pecado infringe a lei de Deus. Todo pecado, até aquele que achamos insignificante, é rebeldia contra a lei de Deus (1Jo.3.4).

O pecado é uma rejeição deliberada ao padrão moral de Deus em favor dos nossos próprios desejos. Os pecados resultam de um anseio interior de satisfazer nossos desejos. O texto de Tiago 1.14 nos ajuda aqui: *“Cada um é tentado quando atraído e seduzido por seu próprio desejo”*. Fofocamos ou cobiçamos por causa do prazer pecaminoso que isso dá. Na hora, a sedução daquele prazer momentâneo é mais forte do que o desejo de agradar a Deus.

Devemos possuir um conceito bíblico sobre o pecado em nossa vida. Um conceito distorcido de pecado influenciará negativamente a nossa fé e a nossa vida. Os cristãos que mais produzem o fruto do Espírito são aqueles que estão cientes daqueles pecados que temos tendência de aceitar como *“normais”* e deixá-los *“intocáveis”* e que sofrem no íntimo por causa deles. Não é saudável criticar com ferocidade os pecados dos outros e, orgulhosamente se esquecer de seus próprios pecados. Todo pecado merece o castigo de Deus.

Não é gostoso ou engraçado falar sobre pecado. É pesado, mas é necessário. Lembremos que Deus não nos abandonou. Ele é o Pai celestial dos verdadeiros cristãos e continua trabalhando em nós e nos chamando ao arrependimento e renovação. Para isso, é necessário enxergar os pecados que toleramos, nos arrepender e buscar renovo em Cristo. No próximo estudo, cavaremos mais fundo a sujeira de nossos pecados *“intocáveis”*. Que Deus seja conosco e nos transforme para a Sua glória. Em Cristo.